

## *Historiadores e arquivistas: um diálogo possível*

Ana Maria de Almeida Camargo\*

O arquivo tornou-se um país estrangeiro para o historiador. Apesar de visitá-lo com frequência, comporta-se nele como turista, vendo tudo superficialmente: contenta-se com imagens de cartão-postal e dispensa o diálogo com os habitantes locais, hábito que lhe permitiria compreender melhor o meio em que vivem. O arquivista, por sua vez, assume o papel de guia turístico, mostrando-lhe o óbvio, o visualmente interessante, o fácil de localizar, o politicamente correto. Essa, em linhas gerais, a imagem caricata que, emprestada da obra de Lowenthal<sup>1</sup>, foi desenhada por Terry Cook<sup>2</sup> para definir o comportamento de historiadores e arquivistas na atualidade.

Há algo equivocado, de fato, na relação entre o pesquisador, desejoso de examinar documentos de arquivo, e o profissional que responde por seu tratamento em uma instituição de custódia. Muito já se escreveu sobre o assunto, seja abordando o tipo de formação necessária para quem se encarrega de elaborar os chamados instrumentos de pesquisa (meios pelos quais os consulentes chegam aos documentos que lhes interessam), seja apontando a dificuldade que os usuários têm de compreender a própria natureza dos documentos de arquivo. Mas o assunto volta à baila de maneira recorrente, como “fonte de preocupação, debate e ambivalência”<sup>3</sup>.

Alguns autores procuraram explicar as relações entre historiadores e arquivistas à luz do processo de constituição dos respectivos campos profissionais, remontando ao período em que tanto a História quanto a Arquivologia reivindicaram, cada qual a seu modo, o estatuto de disciplinas científicas. Apesar de toda uma literatura que, a partir da segunda metade do século XIX, procurou estabelecer os fundamentos do método

\* Professora sênior do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

1 LOWENTHAL, David. *Past is a foreign country*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

2 COOK, Terry. The archive(s) is a foreign country: historians, archivists, and the changing archival landscape. *The American Archivist*, Chicago, v. 74, n. 2, p. 600-632, 2011.

3 POOLE, Alex H. Archival divides and foreign countries? Historians, archivists, information-seeking, and technology: retrospect and prospect. *The American Archivist*, Chicago, v. 78, n. 2, p. 375-433, 2015. Ver também: BLOUIN JR., Francis X.; ROSENBERG, William G. *Processing the past: contesting authority in history and the archives*. New York: Oxford University Press, 2011.

nessas áreas, destacando suas especificidades, não se concebia, no trabalho com os arquivos, outro profissional que não fosse o historiador. Vale lembrar que as rupturas institucionais ocorridas em várias partes do mundo, desde finais do século XVIII, tornaram obsoletos ou sem efeito os documentos administrativos dos governos depostos; salvos da destruição (que foi, aliás, o destino de muitos deles), os arquivos desprovidos de valor corrente foram guindados à condição de “históricos”, dando origem a entidades públicas exclusivamente encarregadas de sua preservação. Nada mais natural, portanto, que tais arquivos fossem tratados por pessoas capazes de compreender documentos antigos e satisfazer a demandas da pesquisa histórica.

O modelo do historiador-arquivista prevaleceu até meados do século passado, mas foi sendo abandonado à medida que tomava corpo a concepção de um profissional especialmente preparado para trabalhar nos arquivos e incumbido de dar conta de todo o ciclo vital dos documentos. A própria ideia de que o conhecimento histórico é um “componente-chave da *expertise* dos arquivistas e de sua identidade profissional”<sup>4</sup> acabou por ser questionada e até mesmo rejeitada. O inverso também é verdadeiro, pelo menos entre nós. Os cursos de História conferem pouca importância à crítica documental como elemento estruturante da formação do pesquisador e do professor, associando-a não raro a práticas conservadoras e superadas da disciplina. Como esperar que os egressos de tais cursos saibam o que é documento de arquivo?

Estamos, na verdade, diante de duas lógicas distintas. Por mais que se apele para a aliança entre as disciplinas e para sua desejável complementaridade, é preciso vê-las a partir dos elementos que distinguem uma da outra, traçando inclusive uma linha de demarcação que deixe nítidas as fronteiras que as separam.

Em um processo que supõe não apenas a mobilização de diferentes recursos metodológicos, mas a constituição de um patamar empírico capaz de sustentar as hipóteses formuladas, os historiadores trabalham com material que eles próprios convertem em documentos. É a esse ato de conversão que se refere Michel de Certeau quando procura definir as características da História como área de conhecimento nas sociedades letradas<sup>5</sup>: as fontes utilizadas pelo historiador têm vida própria e independente, isto é, preexistem à pesquisa e são alheias ao estatuto documental que lhes é atribuído nesse processo. Trata-se de uma condição *sui generis*, própria da História, que difere da que se observa quando as fontes passam

4 NESMITH, Tom. What's history got to do with it?: reconsidering the place of historical knowledge in archival work. *Archivaria*, Ottawa, v. 57, p. 1-27, 2004.

5 “Em história, tudo começa com o gesto de separar e reunir, transformando-os em documentos, determinados objetos antes dispostos de outra maneira”. CERTEAU, Michel de. *L'écriture de l'histoire*. Paris: Gallimard, 1975. p. 84. (Bibliothèque des Histoires).



a existir em decorrência das perguntas com que cientistas de outras áreas sondam a realidade. E essa peculiaridade da pesquisa histórica acaba por ensejar, como bem observou Daniel Fabre<sup>6</sup>, uma divisão de trabalho entre os que lidam com os documentos no âmbito de suas funções originárias e aqueles que os interpretam, no âmbito da pesquisa.

No cerne do trabalho arquivístico está a busca dos contextos de origem dos documentos, atividade que se costuma equiparar à do historiador. Não por acaso o princípio da proveniência é também conhecido como método histórico. A perspectiva é promover a adequada contextualização dos documentos de arquivo, de modo a lhes garantir a necessária estabilidade de sentido e permitir que continuem a representar o ente produtor ao longo do tempo. Não se trata aqui de produção historiográfica, no sentido convencional; como bem observou Lauraire<sup>7</sup>, o *ethos* do arquivista se alicerça sobre uma espécie de renúncia ou abstinência em relação à pesquisa diletante. Fundamentada em contextos funcionais e, por isso mesmo, refratária aos temas e conteúdos que os pesquisadores procuram nos arquivos - e, por que não dizer, aos devaneios teóricos com que se procura aproximá-la da História<sup>8</sup> -, a Arquivologia tem por objeto os documentos autênticos, ou seja, aqueles cuja proveniência é possível conhecer, independentemente da veracidade das informações neles registradas.

Ainda que disponham de função probatória congênita, os documentos de arquivo não escapam dos procedimentos mencionados por Certeau, quando se trata de pesquisa histórica: é o historiador que lhes concede caráter documental em meio ao processo de argumentação por ele desenvolvido. Seu estatuto documental originário, no entanto, qualquer que seja a entidade que os tenha acumulado, deve ser rigorosamente perseguido pelos arquivistas. Equiparados a verdadeiros celeiros da história<sup>9</sup> e predispostos a alimentar um sem número de pesquisas retrospectivas, os arquivos, públicos ou privados, só alcançam seu potencial informativo máximo quando, paradoxalmente, se mantêm apartados e distantes das demandas específicas da pesquisa histórica e estabelecem seus contextos

6 FABRE, Daniel. L'ethnologue et ses sources. *Terrain - Anthropologie & Sciences Humaines*, Paris, n. 30, p. 3-12, mar. 1988.

7 LAURAIRE, Richard. De nouveaux savoir-faire des archivistes? In: HOTTIN, Christian; VOISENAT, Claudie. *Le tournant patrimonial: mutations contemporaines des métiers du patrimoine*. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 2016. p. 141-158. (Ethnologie de la France, 29).

8 As discussões “pós-modernas” que vêm ocupando algumas publicações na área arquivística surtem apenas efeitos retóricos.

9 A expressão é de Charles Braibant, que a utilizou no título de obra bastante citada pela comunidade arquivística. BRAIBANT, Charles. *Le «grenier de l'histoire» et l'arsenal de l'administration: introduction aux cours des stages d'archives de l'Hôtel de Rohan*. Paris: Imprimerie Nationale, 1957.

de origem (e, portanto, seu significado) a partir das atividades que viabilizaram, ao longo do tempo, o funcionamento dos entes produtores.

Apesar do caráter naturalmente especular dos arquivos, e da importância daqueles que decorrem das atividades de instituições com largo espectro de intervenção na realidade social, seu valor para a pesquisa é e será sempre tributário do projeto do historiador. Em contraposição, o melhor dos historiadores será aquele que, no trato com os arquivos, conseguir entendê-los como representantes de seus contextos de origem. É nesse cenário que se pode vislumbrar um diálogo fértil e, quem sabe, uma renovada aliança entre historiadores e arquivistas.



# A reorganização do arquivo público e a produção historiográfica sergipana

Terezinha Alves de Oliva\*

## Resumo

A reorganização do Arquivo Público Estadual de Sergipe em 1970 é vista como um processo de importância central na renovação dos estudos históricos que caracterizou a hegemonia da universidade na produção historiográfica em Sergipe. Articulada, neste artigo, com iniciativas que promoveram o fortalecimento do ofício do historiador no cenário brasileiro, a reorganização do Arquivo é tomada como marca que singulariza a experiência local e, juntamente com a instalação do Projeto de Levantamento das Fontes Primárias da História de Sergipe, responde pelos desenvolvimentos posteriores de uma prática que incorporou novas atitudes, abriu-se a novas metodologias e renovou o pensamento historiográfico.

**Palavras-chave:** Arquivo Público Estadual de Sergipe; Historiografia Sergipana; Beatriz Góis Dantas.

## Abstract

The reorganization of the State Public Archives of Sergipe in 1970 is seen as a process of central importance in the renewal of historical studies that characterized the hegemony of the university in the historiographical production in Sergipe. Articulated, in this article, with initiatives that promoted the strengthening of the craft of the historian in the Brazilian scenario, the reorganization of the Archive is taken as a mark that singularizes the local experience and, together with the installation of the Project of Search from the Primary Sources of the History of Sergipe, it responds to the later developments of a practice that incorporated new attitudes, opened to new methodologies and renewed the historiographical thought.

**Key words:** State Public Archives of Sergipe; Sergipe historiography; Beatriz Góis Dantas.



\* Doutora em Geociências pela UNESP/Rio Claro.  
Professora Emérita da UFS.  
E-mail: toлива06@gmail.com